

MARY DEL PRIORE: a (re)contadora de histórias

O texto apresenta a historiadora Mary Del Priore e comenta a sua participação como palestrante da XXI Semana de Letras da UFPR realizada em parceria com o UniBrasil Centro Universitário, observando a relação que a pesquisadora estabelece entre Literatura e História no que se refere à sua técnica narrativa, que remete ao pensamento de Paul Veyne, Hayden White e Michel de Certeau, historiadores que propuseram uma revisão epistemológica da História, questionando o mito de verdade a ela atribuído.



Mary Del Priore.

Contar uma história nunca foi algo tão simples como parece. Há que se cuidar para que o ouvinte/leitor se mantenha interessado e, mais do que tudo, acredite no que ouve ou lê. Ser contador ou contadora de histórias, portanto, tornou-se um ofício desafiador numa cultura em que o tempo é escasso e os assuntos brotam numa rapidez difícil de ser acompanhada pelo sujeito mais interessado e competente. Culpa da internet? Da televisão? Do trabalho? Difícil definir um único vilão.

O desafio fica ainda maior quando a história aconteceu há muito tempo e sugere demorar para ser contada. A impaciência se manifesta e, imediatamente, telas, teclas e botões mais atraentes ocupam olhos e mãos desavisados. E quando o final já é sabido e não é feliz? Aí piorou mesmo! Ninguém quer ouvir, que dirá ler nada depois de um spoiler tão descarado!

Então como entender o fenômeno de vendas que é a historiadora Mary del Priore? Como alguém pode atrair tantos leitores para um tema tão aparentemente

AUTORA:

ANNA BEATRIZ PAULA
DOUTORA EM CIÊNCIAS DA
LITERATURA, PROFESSORA
ASSOCIADA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ.



Salão Nobre da UFPR, na palestra de Mary Del Priore.

árido como a História do Brasil? E ao contrário do que poderia ser pensado, esse sucesso não deriva de uma superficialização do conhecimento, mas sim de um aprofundamento do mesmo. É resultado de muita pesquisa. Tanta que, segundo a própria Priore, não poderia ser feita senão com parceiros dedicados e comprometidos.

Tal relato foi feito em palestra proferida em Curitiba, por ocasião da XXI Semana de Letras da UFPR, evento que, na edição de 2019, homenageou as mulheres pesquisadoras, não por serem mulheres, mas por suas relevantes pesquisas na respectiva área. Coube à Mary del Priore discorrer acerca do diálogo entre Literatura e História, tema, aliás, evidenciado em sua prática como escritora de mais de quarenta livros.

A pesquisadora concluiu pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França, e teve sua tese de

doutorado na USP publicada sob o título História da Criança no Brasil. (São Paulo: Contexto, 1991). Essa obra lhe trouxe um reconhecimento inicial, e o sucesso tornou-se mais amplo conforme outras pesquisas foram sendo publicadas, dentre elas: História das mulheres no Brasil (São Paulo: Contexto, 1997); História do Amor no Brasil (São Paulo: Contexto, 2005) e O príncipe maldito (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007). Os quatro volumes de Histórias das gentes brasileiras (Editora Leya, 2016 – 2017 - 2018) foram, também, sucessos junto ao grande público.

O reconhecimento materializou-se nos diversos prêmios que Mary del Priore recebeu, notadamente, o Prêmio Jabuti, em 1998, e o Prêmio Casa Grande e Senzala, em 1998 e 2000. Em paralelo à sua carreira de escritora, Priore foi professora em diferentes instituições de ensino superior, dentre as quais a Universidade de São Paulo, de onde saiu – conforme mencionou na palestra

– para se dedicar exclusivamente à escrita de seus livros que já passam de quarenta.

Em sua fala, Priore abordou o tema “Literatura e História”, contemplando-o sob dois aspectos: a sua experiência pessoal de escritora que transita pelos dois campos e o crescimento do público leitor de História do Brasil. Como estava em Curitiba para lançamento de sua mais recente obra, *As vidas de José Bonifácio* (Estação Brasil, 2019), o público teve a oportunidade de ouvir algumas curiosidades acerca desse personagem tão controverso da história brasileira. Segundo a historiadora, a denominação de ‘Patriarca da Independência’ teria sido construída pelo próprio José Bonifácio, através de um trabalho de autoimagem. Depois de fundar o jornal “O Tamoyo”, em 1823, Bonifácio teria lançado mão de uma auto entrevista para dar início a essa imagem de Patriarca que, ao ser retomada em 1922 – por ocasião do centenário da Independência - passaria a ser adotada por historiadores da época.

Esse exemplo nos conduz ao que Priore disse considerar como fontes de pesquisa histórica: informações contidas em documentos históricos oficiais, somados a narrativas orais de comunidades, fotos e diários familiares, pinturas, músicas etc. Enfim, materiais que tragam o cotidiano das

pessoas comuns da época pesquisada e não apenas a trajetória de grandes personagens da história. Soma-se a essa perspectiva da pesquisadora a busca pela humanização desses grandes personagens históricos, estratégia que lhe enriqueceu as obras, especialmente acrescida do poético. A própria escritora assume, em sua fala, que a linguagem ficcional colabora para a boa aceitação de suas produções porque imprimem ao conteúdo histórico o ritmo de uma história contada. Segundo ela, isso não significa que todos os seus textos sejam romances históricos, a exemplo de *Beije-me onde o sol não alcança* (Planeta, 2015).

Priore aponta para uma transformação do público leitor que, tendo acesso a outras mídias, busca uma linguagem mais leve e simples no tratamento do material histórico. Segundo ela, o fenômeno se estendeu a outras mídias, que não o livro, a exemplo do sucesso de séries televisivas que recontam eventos históricos, ou a biografias de grandes nomes da História distante da perspectiva canônica de uma história de vencedores, valorizando a participação de subalternos, antes invisibilizados pelas narrativas oficiais, presentes em livros didáticos, por exemplo. Priore recupera em suas pesquisas o papel de mulheres, negros, índios, filhos bastardos e amantes, mostrando como

esses sujeitos não foram coadjuvantes, mas protagonizaram a história brasileira tanto quanto os grandes personagens.

Após assistir à palestra de Mary del Priore, o público percebe, com clareza, o quanto seu trabalho reflete as transformações ocorridas em relação ao que se entende por História a partir dos anos 60 do século XX, especialmente movidas pelo pensamento de historiadores como Paul Veyne, Hayden White e Michel de Certeau. Esses historiadores propuseram repensar o que seria verdade histórica, buscando entender o processo de construção da narrativa. Veyne, em sua obra "Como se Escreve a História" (1971), chega a propor que a História seria um

romance real. Nesse sentido, caberia ao historiador o papel de autor de uma narrativa, que registraria o fato histórico a partir de uma subjetividade.

Assim, quando Priore escolhe dar voz e incluir personagens subalternos ou apagados da história oficial, ela posiciona sua autoria, seu papel de contadora de histórias e por isso, como fez Sheerazad de "As mil e uma noites", nos encanta e seduz de volta ao nosso passado, não apenas para revisitá-lo como sonhadores num tapete mágico, mas para ressignificarmos esse passado e, com isso, nos tornarmos sábios o suficiente para não cometermos os mesmos erros no futuro.



Mary Del Priore.